

O FABULOSO REINO DOS MANSAS DO MALI



Maurício Waldman



EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 24

O FABULOSO REINO DOS MANSAS DO MALI ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Raramente os livros didáticos comentam fatos relacionados com a história da África Negra. E quando o fazem, repetem um receituário impregnado de desqualificação, de declinações preconceituosas ou então, recorrem ao silêncio omissivo como estratégia de negação.

Mas independentemente da forma de abordagem do continente, a nota predominante em recusar um estatuto civilizatório para as populações negro-africanas demonstra apaixonado vigor em todos os casos.

Cabe assinalar que no espaço que se estende das franjas do deserto do Saara à *finisterra* formada pelo extremo meridional do continente, em paralelo à diversidade social, cultural, política, religiosa e histórica das populações do continente, sobressaem elementos comuns compartilhados por centenas de sociedades, grupos e etnias.

Formando uma vigorosa moldura referida pelos estudiosos como *Africanidade*, esta inferência abre caminho para discernir uma autêntica civilização de cunho continental, ajustada espacialmente a uma circunscrição que diz respeito tão somente à África ao Sul do Saara. Qual seja: à *África Negra* (Cf. WALDMAN, 2000; BRETON, 1990: 110-116; LEITE, 1984; MUNANGA, 1984: 30).

Nesta linha de argumentação, uma das lacunas mais notórias está relacionada com os majestosos Estados negro-africanos que irromperam séculos atrás na África Ocidental no grande torrão conhecido como *Sahel*, notadamente no trecho banhado pelas bacias dos rios Níger e Senegal, espaço cuja importância para a história da África D'Oeste, o faz merecedor de pontuações quanto à sua fisionomia geográfica.

A palavra *Sahel* provém do árabe *Sahil*, cuja tradução é costa, bordo ou fronteira. No que seria mais do que uma coincidência, esta região intercala-se justamente entre duas extensões: as saarianas, situadas ao Norte e as paisagens mais úmidas localizadas ao Sul.

Territorialmente, o espaço saheliano forma um corredor contínuo oscilando entre 500 e 700 quilômetros no sentido Norte-Sul, e na direção Leste-Oeste, uma faixa que se estende entre o Mar Vermelho e o Oceano Atlântico.

Antecipando a aridez do deserto, o Sahel configura um domínio natural marcado por extensas planuras brindadas por escassa precipitação pluviométrica (entre 150 a 500 mm/ano). Nesta acepção, forma uma espécie de “praia” ou “antessala do Saara”.

Este espaço, distingue-se pelo predomínio biogeográfico de uma paisagem formada por imensas savanas, caracterizadas pela forração onipresente de gramíneas em parceria com árvores e arbustos esparsos, eventualmente ganhando feição florestal ou de pequenos bosques (Vide Figura 1).



FIGURA 1 - Trecho da savana tal como pode ser observada nas paragens da atual República do Mali. Fisionomicamente, as savanas africanas recordam o cerrado brasileiro e paisagens geneticamente próximas localizadas na América do Sul, que na realidade, são modalidades americanas do bioma savaneiro, típico de regiões tropicais marcadas por duas estações claramente delimitadas, a seca e a chuvosa, que regem os ciclos ecológicos das savanas (Fonte: < <https://www.tes.com/lessons/LTdyUZsd3w4SjA/african-geography> >. Acesso: 01-05-2011)

Espaço biodiverso, as pastagens savaneiras entretêm rica fauna composta por girafas, rinocerontes, hienas, elefantes, lobos, chacais, leões e leopardos. As árvores de acácias e os baobás são espécimes relevantes da flora savaneira, indissociáveis de um espaço que no plano do imaginário social, é claramente identificado na sua especificidade essencial.

Observe-se que a pretendida naturalidade destas paisagens é uma peça de ficção engendrada pela geografia europeia. A atuação humana na África é historicamente a mais contínua em todo o Planeta, e desta feita, foi responsável por uma profunda esculturação do espaço habitado.

Concretamente, o espaço africano foi extensivamente moldado pelo trabalho humano, encetado por diversificada gama de atores, protagonistas como coletores, caçadores e agricultores, aos quais se somaram alterações antropogênicas articuladas à ação organizada dos sistemas políticos, culturais e econômicos.

Não fosse suficiente, muitas das proeminentes populações savaneiras são etnias cujos assentamentos decorrem de intervenção milenar no ambiente natural, sendo este o caso do espaço de vida dos Senufo e dos Mandenka (Sudão Ocidental) e dos Kikuyo, Luo e Maasai (África Oriental).

A propósito, entenda-se, contrariando difundido senso comum decorrente de apaixonada pregação de mote colonialista, que as selvas fechadas de tipo equatorial *não constituem a cobertura vegetal predominante na África.*

A grande marca na paisagem natural do continente africano *são os desertos*, sucedidos em ordem de importância territorial, *pelas savanas, pelas estepes e somente após estas, pelas florestas equatoriais.* Levando-se em conta exclusivamente a África Negra, *as savanas é que ocupariam então a primeira posição.*

Outra nota relevante, é que as paisagens savaneiras que se estendem ao Sul do Deserto do Saara, teatro histórico em cujo seio irrompem diversos impérios africanos autóctones, é imemorialmente reconhecido pelas populações locais como sendo o *Sudão*, topônimo que além de identificar duas repúblicas africanas, o Sudão (com capital em Kartum) e o Sudão do Sul (em Juba), possui, na realidade, um significado geográfico muito mais amplo.

Etimologicamente, Sudão é uma forma abreviada da expressão árabe *Bilad-as-Sudan*, significando *País dos Negros*. Paulatinamente, o termo Sudão foi adotado por centenas de línguas, dentro e fora da África, tornando-se de uso universal, inclusive por parte dos historiadores, geógrafos e antropólogos ocidentais.

Caberia advertir que via de regra o topônimo Sudão é relacionado unicamente aos dois países homônimos situados na parte oriental do continente. Porém, retenha-se que nações como Gâmbia, Senegal, Guiné, Níger, Mali, Chade e adjacências territoriais, igualmente integram o escopo geográfico tradicional de Sudão.

No que importa à discussão travada por este texto, enquanto um enquadramento geográfico a savana notabilizou-se pela irrupção de imensos e magníficos impérios, formações políticas como o Ghana, Songhai e o Mali, amplamente conhecidos como Estados, reinos ou impérios sudaneses.

Todos em comum mantiveram relação com o mundo islâmico, particularmente com os países situados na orla do Mediterrâneo, e identicamente, apresentavam influente rede urbana e um comércio muito ativo, obtendo do controle das rotas mercantis o essencial dos seus proventos.

Neste quadro de formações estatais tradicionais, o Mali ocupa posição de destaque inegável. Governado ao longo de muitas gerações pelos Mansas, título dado aos imperadores, a implantação deste império nas savanas da África Ocidental associa-se com os feitos que cercam a trajetória de Sundjata Keita, o herói fundador do Mali.

Historicamente, a vitória de Sundjata na Batalha de Kirina, no ano de 1235, sobre as forças de Suamoro Kantê, temido monarca do reino sudanês do Sosso, foi um marco fundamental para a criação do Império.

Ampliado e consolidado pelos sucessores de Sundjata, o Mali perdurou até o Século XV, sobressaindo-se como um poderoso e dinâmico Estado tradicional, granjeado de enorme significado junto ao imaginário africano.

O império do Mali assenhoreava formidável acervo territorial. Ocupando todo o curso médio do rio Níger, que desempenhava o papel de coluna vertebral do país, e o vale do Senegal, o Mali alcançava o Atlântico a Oeste, o Saara ao Norte e as densas florestas equatoriais ao Sul. Espalhava-se por um território que hoje em dia corresponde, total ou parcialmente, a seis nações do mapa político do continente africano (Figura 2).

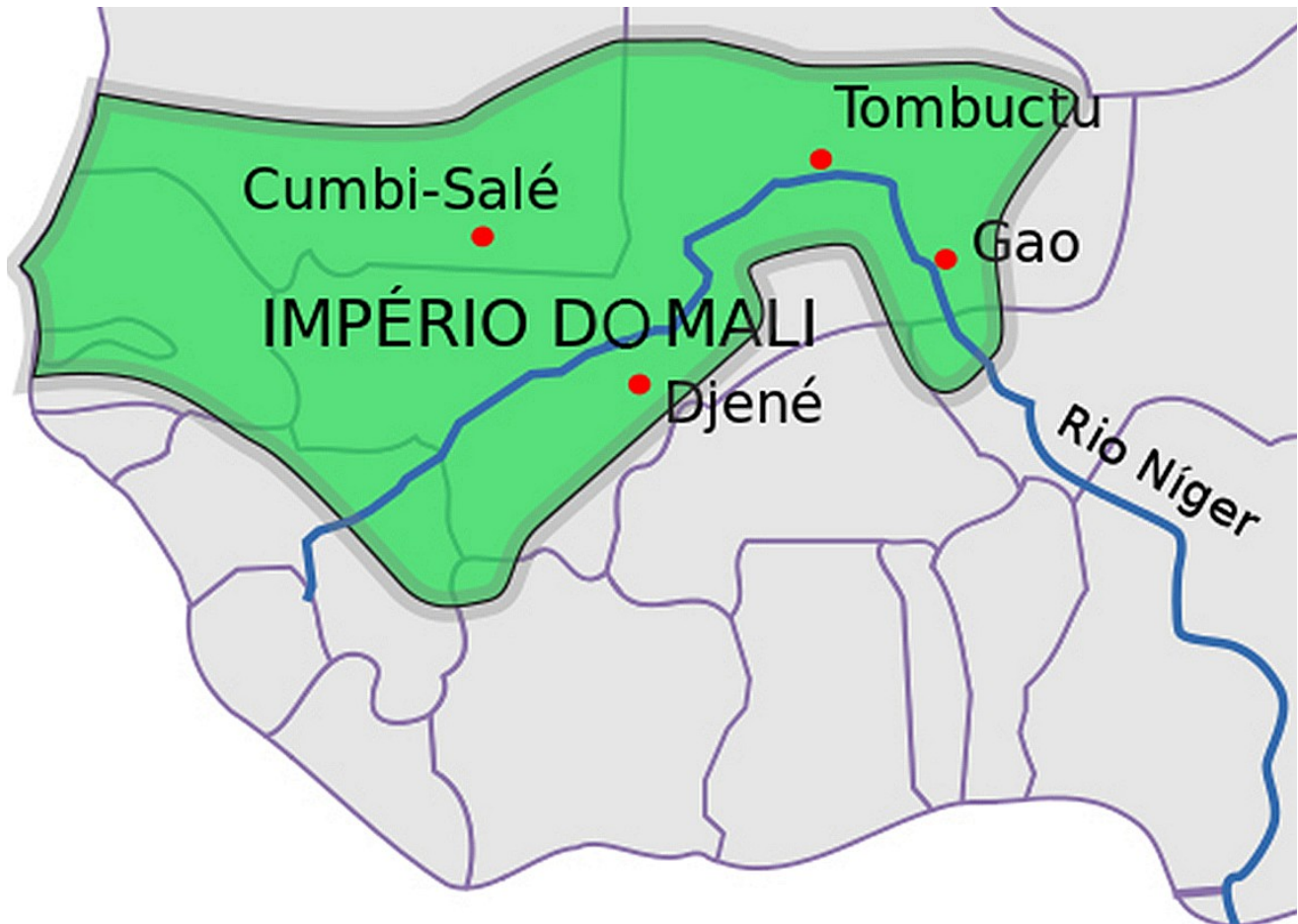
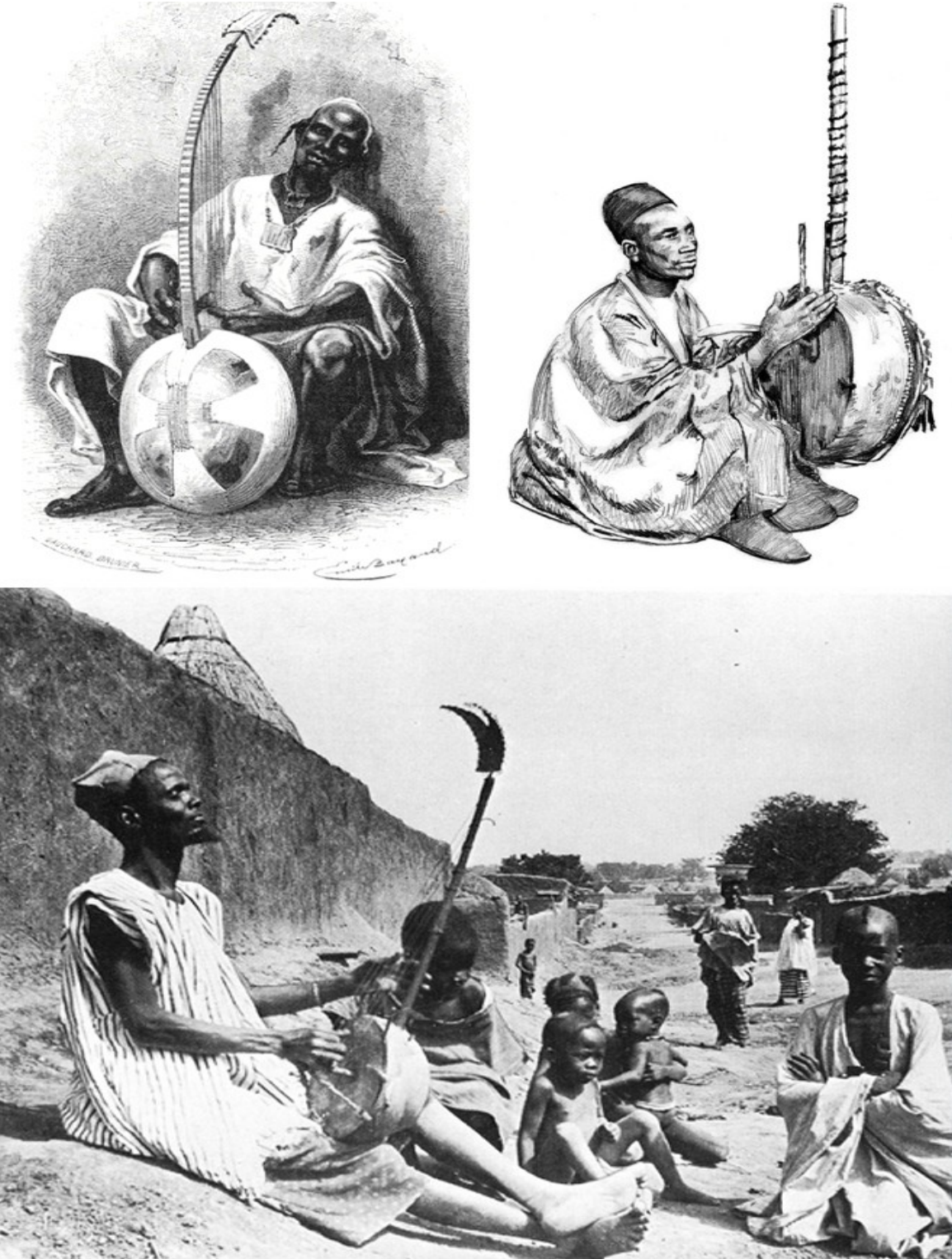


FIGURA 2 - O Império do Mali em 1350 e as fronteiras dos atuais Estados africanos. Basicamente o antigo Mali compreendia Gâmbia, boa parte da atual República do Mali, quase totalidade do Senegal, trecho Sul da Mauritânia e frações do Mali, Níger, Costa do Marfim e Guiné-Conacry. A partir deste compartimento territorial, o empreendedorismo do Mali repercutia em todo o Centro e Norte da África (Fonte: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 19-04-2016)

As realizações do imperador Sundjata Keita ao longo do seu afamado reinado (1230-1255), foram preservadas graças ao ativismo incansável dos *griots*. Personagens indissociáveis da vida política, social e cultural desta parte da África, os griots, numa definição relativa ao seu papel social, correspondem nas línguas locais aos chamados contadores da história oral, que usualmente agregam à função que desempenham a condição de cantores, músicos e poetas (Figuras 3, 4 e 5).

Desde longa data, os griots percorrem as extensões savaneiras transmitindo às populações das aldeias e novas gerações, relatos da história comunitária e da memória coletiva, amiúde remontando a episódios sucedidos há séculos ou milênios sem conta.



FIGURAS 3, 4 e 5 - Três iconografias representando *griots* da África Ocidental, datadas dos finais do Século XIX. Nas imagens, os *griots* tocam instrumentos de corda, conhecidos como Kora ou Kouraba. Além destes, o Kalam, o Balafon e o Ngoni são regularmente utilizados nas apresentações públicas dos *griots* (Fonte: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 27-05-2016)

Retenha-se que não há nenhum exagero em afirmar que os registros dos griots perdem-se literalmente na noite dos tempos. Eis o que nos relata o sábio malinense Amadou HAMPATÉ-BÂ:

“Tomemos o exemplo de *Thianaba*, a serpente mítica [do povo] Peul, cuja lenda narra as aventuras e a migração através da savana africana a partir do Atlântico. Por volta de 1921, o engenheiro francês Belime, encarregado de construir a barragem de Sansanding, teve a curiosidade de seguir passo a passo as indicações geográficas da lenda, que ele havia aprendido com Hammadi Djenngoudo, grande conhecedor Peul. Para sua surpresa, descobriu o antigo leito do Níger” (1993: 216).

Afirmada na oralidade, a performance dos *griots* é respaldada numa *Weltanschauung*³ negro-africana que insere o ofício numa simbiose com práticas culturalmente aceitas de acompanhar e interpretar a dinâmica histórica, social, política e cultural dos povos do continente, atestando através da fala, um exercício por excelência de interlocução e compreensão da realidade.

No continente africano, a oralidade prefigura um conhecimento total, vinculado a uma perspectiva cosmológica peculiar à consciência social negro-africana. Neste recorte, é novamente Amadou HAMPATÉ-BÂ quem esclarece:

“Nas tradições africanas [...] a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de forças etéreas, não era utilizada sem prudência” (1993: 182).

Em razão da importância central atribuída à oralidade e aos griots, os feitos dos líderes e dos povos do Mali alcançaram os dias de hoje, permitindo que sua atuação fosse decifrada por numeroso colegiado de historiadores africanos.

Deste modo, muitas luzes passaram iluminar tempos e épocas extraordinariamente distantes, significativas e complexas, de manifesta distinção para o entendimento da história africana e, outrossim, da mundial.

Neste particular, o interesse pelo Império do Mali decorre do fato desta formação política ter materializado uma notável construção política, étnica e territorial. Não só em termos africanos, como também na comparação com outros cenários civilizatórios.

Atente-se que o esplendor do Mali alicerçou-se numa singular prerrogativa geográfica, assim como nas peculiaridades da constituição política desta formação estatal. Com as conquistas de Sundjata, o império passou a controlar intrincado emaranhado de rotas comerciais, caminhos que cruzavam naco considerável da África.

Esta rede de pistas interligava por meio de caravanas a Guiné, África D'Oeste, a região do Lago Chade, o Ubangui-Chari, o Egito, os países do Magreb ⁴ e alhures. Do ponto de vista da atividade mercantil, estas vias de comunicação constituíam itinerários de longa distância, firmados em trocas comerciais da remota antiguidade.

Cruzando em diversos trechos o deserto do Saara (Figura 6), dando vazão à exportação e importação de heterogênea pauta de bens, as pistas do comércio caravaneiro foram o esteio mais importante das trocas continentais.

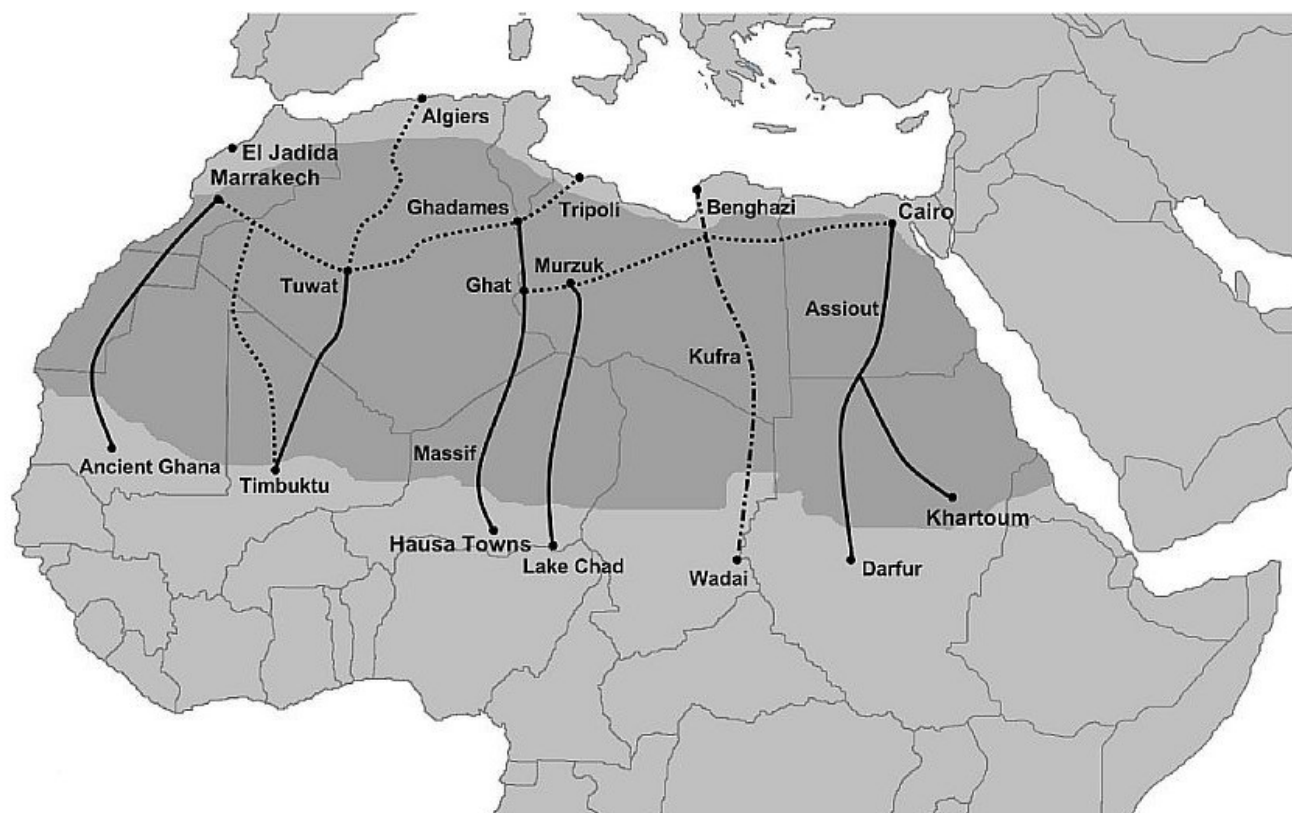


FIGURA 6 - Rotas transaarianas tradicionais de comércio. Em cinza escuro, as superfícies áridas do deserto do Saara. Grosso modo, as pistas comerciais cruzavam o Saara no sentido Norte-Sul, acatando a distribuição natural dos poços de água e dos oásis, que passaram a cumprir a função de pontos de parada e de reabastecimento das caravanas (Fonte: < <https://br.pinterest.com/arappernamedblo/griot/> >. Acesso: 22-05-2016).

Nestes emolumentos estariam enquadrados o comércio do sal, noz-de-cola, marfim, escravos, vidro, produtos cerâmicos, peles, cornos e carapaças de tartaruga, madeiras nobres, metais preciosos e estratégicos como o ferro, estanho e o cobre.

Enfim, uma coleção de produtos vitais, raros e bens de prestígio, que animavam um escambo que conectou durante gerações sucessivas, populações com diferentes tipos de inserção no mundo da economia africana.

Na direção do Golfo da Guiné, estes caminhos decorriam de um intercâmbio de produtos associando as savanas à floresta tropical e ao baixo Níger. Quanto às rotas que cruzavam o Saara, estas praticamente se confundem com a presença humana nestas plagas.

Com efeito, grande rol de pinturas rupestres pré-históricas, descobertas e estudadas pelos arqueólogos evidenciam a persistência de um tráfico comercial historicamente contínuo, que conectava os países da orla do Mediterrâneo com a África sudanesa.

Confira-se: nem a floresta densa e tampouco a aridez do deserto constituíram barreira ou obstáculo de monta para contatos entre diferentes povos e etnias. Este espaço quando muito exerceu somente um papel de filtro. Seleccionava os contatos, mas em nenhum momento foi impeditivo de empréstimos e de trocas culturais e econômicas.

Logo, o suposto “isolamento da África”, por décadas decantado e defendido por equivocadas linhas de interpretação cultivadas por historiadores, antropólogos e geógrafos europeus, simplesmente nunca existiu. Prova disso é a vigorosa vida urbana do Sudão Ocidental, existindo abundantes provas arqueológicas de uma antiga e florescente urbanização.

Por exemplo, a cidade de Djenne-Djeno, situada no vale médio do Níger, remonta, por exemplo, ao Século III a.C. Sabe-se que os mercadores desta cidade transitavam intensamente nos Séculos V e VI no espaço da savana sudanesa. Para conhecimento: esta consideração também pode ser estendida a outros soberbos centros urbanos do Mali, cidades como Gao, Walata e Timbuktu.

Ressalve-se que este *modus operandi* remonta a tempos muito anteriores à chegada dos árabes e do Islam. Admite-se como uma verdade cabal a influência da expansão islâmica em fomentar a urbanização, o comércio e o artesanato. Do mesmo modo, o

islamismo alavancou a estruturação de califados e reinos muçulmanos por todo o Oriente Médio, Ásia central, Índia e Indonésia.

Mas, o Mali e a totalidade do domínio sudanês é autenticamente africano na forma e no conteúdo, pouco ou nada devendo a supostos “efeitos dinamizadores” promovidos por determinações alógenas.

Neste sentido, o alastramento do Islamismo através do Sudão, a incorporação de elementos da cultura agarena ou a filiação dos Mansas à religião muçulmana, não tem eficácia para explicar o surgimento e consolidação de formações políticas como o império do Mali.

Como adverte o africanista brasileiro José Roberto Franco da FONSECA, “é preciso não perder de vista que o Islam não foi o criador dos Estados Imperiais da África Ocidental e do sudoeste: encontrou-os já florescentes” (1984: 59).

De modo geral, os elementos islâmicos presentes nas sociedades sudanesas surpreendem muito mais por sua incorporação a um substrato cultural africano cioso de sua especificidade do que por uma islamização em profundidade da sociedade africana tradicional: “Até a chegada dos europeus, a África islamizada nunca se integrou verdadeiramente no mundo muçulmano” (PAULME, 1977: 46).

Na prática, este processo deu-se nomeadamente junto às elites econômicas e classes dirigentes, progredindo muito pouco além destes grupos e mesmo neste caso, não excluindo os valores tradicionais.

Isto não passou despercebido aos viajantes árabes que visitaram o Mali, cujos soberanos conservaram-se fiéis aos rituais autóctones. Exemplificando, o viajante Ibn Batuta “escandalizou-se com algumas práticas pouco ortodoxas; excetuando-se a presença dos árabes e o fraco verniz muçulmano, o que se passava na corte dos Mansa era pouco diferente do que se poderia observar na corte dos reis não-muçulmanos, como por exemplo, os Mossi” (NIAANE, 1984: 170-172).

Atente-se, quanto ao Islamismo, para o forte consenso existente entre os antropólogos quanto ao prosseguimento das concepções religiosas tradicionais em todo o Sudão, cujas práticas ancestrais foram sincretizadas em larga escala às do Islam (Cf. FONSECA, 1984: 60-61).

Neste senso, no espaço sudanês os adeptos de Maomé conviviam pacificamente com as tradições religiosas locais, não interferiam nas formas autóctones de expressão cultural e no plano social, compunha junto aos grupos tradicionais uma sociedade na qual os casamentos interconfessionais e as relações cotidianas, revelam antes uma harmonia rotineira entre os diversos grupos étnicos.

Em suma, no Sudão Ocidental a nota predominante foi o ajuste do modelo islâmico com as estruturas sociais, políticas, religiosas, culturais e econômicas preexistentes, eventualmente emprestando-lhes certo verniz islâmico.

Para completar, nesta parte da África a islamização simplesmente não se confundiu com arabização. No Sudão, a propagação da religião de Maomé, em contraste com a costa oriental africana, resultou de contatos geralmente pacíficos da população local com mercadores berberes, e não como uma sequela de uma empresa conquistadora *manu militari*, tal como ocorreu nos episódios calcados na *jihad*, a guerra santa muçulmana.

Por extensão, o segredo da islamização do Sudão parece residir na adaptação deste às tradições africanas locais, aspecto que de resto, transparece nas narrativas dos griots sobre a atuação de Sundjata Keita (*passim* NIANE, 1984).

Assim, a identidade cultural, religiosa e linguística das populações locais perpetuou-se nos marcos tradicionais. Certamente foram assimiladas contribuições arabo-islâmicas (alfabeto, matemática, vestuário, etc.), porém sempre inseridas num contexto africano e não o contrário. Até mesmo as mesquitas locais, ao contrário do que aconteceu em grande parte do Islam, apelavam para padrões arquitetônicos enraizados nos modelos construtivos locais (Figura 7).

Na sequência, a chave para compreender o sucesso do Império do Mali não repousa em explicá-lo a partir da adoção de modelos forâneos. Foi primordialmente o fato dos Mansas exercerem com muita habilidade um controle eficaz sobre a vida econômica, urbana e na logística de comunicações, substrato herdado das conquistas de Sundjata, fundamentais para calçar a projeção do império.

A isso se somou o fortalecimento de uma autoridade central conotada no seu exercício por legitimidade incontestável, resultante do exercício cauteloso de relação política com o mundo tradicional.



FIGURA 7 - Mesquita de Timbuktu, construída com base em técnicas tradicionais de arquitetura de terra. Típicas do Sudão Ocidental e em uso até os dias de hoje, este modelo construtivo, além de pequeno impacto ambiental, demonstra notável perdurabilidade (Fonte: < <https://br.pinterest.com/arappernamedblo/griot/> >, imagem masterizada por Francesco Antonio Picciolo. Acesso: 22-05-2016).

Neste sentido, contrariamente ao Reino do Sosso, onde os mandatários tinham por meta dissociar-se do tradicionalismo, Sundjata Keita fundou um Estado fortemente dosado pelo relacionamento com toda sorte de particularismos e especificidades.

Acatando uma agenda diametralmente oposta à adotada por Suamoro Kantê, o Mali foi articulado por intermédio da composição com os poderes locais, com as chefarias regionais, com as linhagens étnicas e diferentes grupos de interesse.

Com isso o Mali inaugurou uma era de estabilidade política, afirmando-se como fiel da balança do comércio internacional da época, contribuindo definitivamente para com a situação de prosperidade e prestígio desfrutado pelos governantes.

Não por acaso, os mapas árabes e europeus da época detalhavam com precisão a localização deste império. Em muitos mapas, a cartografia retratava o Mansa como imagem central e icônica, claro sinal do quanto o Estado estava identificado com uma forma específica de mando político (Figura 8).



FIGURA 8 - Fac-símile do famoso Atlas catalão, exibindo a Ibéria e a África Ocidental, obra do cartógrafo judeu Abraham Cresques, da cidade de Maiorca (1375). Destaque-se neste mapa a representação do Mansa do Mali, no canto direito da parte de baixo da carta. Notar que a imagem do Mansa acata o modelo da realeza europeia: trono, cetro e a coroa ao modo ocidental. *Pari passu*, atente-se para a pepita de ouro que segura nas mãos (Fonte: < <https://br.pinterest.com/arappernamedblo/griot/> >. Acesso: 24-05-2016).

Compreendendo no Século XIV uma vasta articulação territorial, o Mali aglutinava células espaciais ajustadas a diferentes frações da paisagem sudanesa, formando algo como um detalhado mosaico de espaços complementares, junto ao qual, o imperador procedia enquanto fiador da fruição que ofertava soldadura territorial aos segmentos que compunham o espaço do império.

Graças à segurança induzida por esta moldura territorial, o Mali registrou notáveis avanços em todos os planos: econômicos, sociais, políticos e culturais. No que contesta recidivas prédicas difamatórias da África e dos seus povos, o império dos Mansas cristalizou uma brilhante vitalidade cultural, edificando portentosas bibliotecas que reuniam estupendo acervo de códices, manuscritos e títulos em todas as áreas do conhecimento.

Em números, as memoráveis bibliotecas do Mali acumularam cerca de 500.000 livros e obras de todos os tipos (Figura 9), textos não só em árabe (um idioma internacional), assim como em línguas africanas, caso particularmente do mandinga, wolof, swahili, tamashek e do songhai.



FIGURA 9 - Um dos célebres Manuscritos de Timbuktu, parte de um patrimônio de milhares de itens das bibliotecas do Mali que chegaram até nossos dias. Atentar que embora praticamente todos os documentos utilizem o alfabeto árabe, são comuns em grande número de casos adaptações deste alfabeto para verter línguas africanas locais. Dentre os abecedários inspirados no árabe estão o *ajami*, difundido entre os Haussá e os Fula, e o *wolofal*, utilizado pelos Wolof, duas das muitas adaptações de empréstimos árabes às culturas locais africanas (Fonte: < <http://www.princeclausfund.org/en/activities/more-than-95-of-the-manuscripts-evacuated-from-timbuktu-in-time.html> >, 22-06-2016).

Sem meias palavras, este patrimônio cultural coloca o Mali como um dos grandes destaques do conhecimento científico mundial da época. O patrimônio das bibliotecas do Mali no Século XV era superado somente pelo da Casa da Sabedoria, em Bagdá, que reunia um milhão de volumes e pelo acervo das bibliotecas do Cairo, com 1,6 milhão de títulos.

Note-se que enquanto os centros de saber do Mali disponibilizavam centenas de milhares de títulos, o rei da França, Carlos V, *o Sábio*, a muito custo conseguiu reunir 900 livros na sua corte (Ver a respeito BRETON, 1990: 83).

Note-se que este acúmulo de saberes estava respaldado por forte empreendedorismo econômico. Além da agricultura, da criação, da pesca, da caça, do artesanato, do comércio e da indústria construtiva, que alcançaram prodigiosa expansão, ganhou destaque a mineração do ouro, retirado dos fabulosos veios de Galam, do Burée e do Bambouk.

A vultosa produção aurífera não demorou em suscitar a imagem de um *Rei do Ouro*: o Mansa do Mali. Especialmente Mussa I, sucessor de Sundjata, difundiu esta percepção em todo o mundo árabe, muçulmano e nos países da cristandade.

Em sua peregrinação a Meca, Mussa I fez-se acompanhar de nada menos que 60.000 carregadores e de quinhentos servidores, todos com vestimentas recamadas de ouro, segurando cada um deles uma bengala também de ouro. No trajeto, este rei distribuiu tanto ouro que o preço do metal foi rebaixado em todo o mundo conhecido de então durante mais de dez anos!

Graças a sua prosperidade, o Mali alcançou uma população entre 40 e 50 milhões de habitantes, que segundo todos os informes, desconheciam a carestia, a insegurança e o desgoverno.

Note-se que mesmo em termos demográficos este contingente populacional é uma cifra extremamente relevante. Retenha-se que no passado, o Egito Faraônico e os impérios Asteca, Romano e Chinês, alcançaram respectivamente, nos momentos de apogeu, 15, 20, 100 e 200 milhões de habitantes.

Reconhecidamente, o contingente populacional reunido pelo império seria tido como numeroso mesmo numa aceção contemporânea. Por conseguinte, o Mali constituiu,

pois um bem-sucedido “formigueiro humano”, uma autêntica proeza no contexto das sociedades tradicionais.

Outros fatos surpreendentes ao público leigo podem ainda ser salientados. O Mali, tendo no comércio um de suas notas marcantes, não foi indiferente à navegação marítima.

Comprovadamente, foram lançadas no Oceano Atlântico duas gigantescas expedições, ambas reunindo em torno de duas mil embarcações de vários tipos, que demandaram na direção do Oeste. Isto é: da América.

Mesmo que a possibilidade de terem alcançado ou não o continente americano seja alvo de controvérsias, a simples capacidade dos Mansas em reunir frotas com tais proporções por si só denota o poderio e o talento organizacional de um Estado tradicional africano que a historiografia ocidental teima solenemente em ignorar.

Outro aspecto, é que contrariando variada gama de veredictos que decretam como inviáveis os Estados pluriétnicos - *dita que recai sobremaneira sobre os Estados da África Negra* - o Mali constitui uma soberba demonstração de que unidade e diversidade são absolutamente compatíveis.

No Mali, coexistiram múltiplas etnias, cada uma das quais cultivando crenças, língua, tradições e cultura ancestrais, mantendo durante mais de três séculos uma vida comum sob autoridade dos Mansas.

Este lapso de tempo, bem mais significativo do que a maioria dos Estados europeus modernos poderia exhibir, demonstra que antes de se questionar a diversidade, o problema talvez resida na capacitação das estruturas políticas “mais avançadas” em assumirem a diferença e pluralidade étnica e cultural.

E mais ainda, o quanto a história dos tão desprezados povos do Terceiro Mundo pode constituir uma inspiração para repensar o presente.

Mormente na direção de novas expectativas, anseios e esperanças!

BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. São Paulo (SP): coedição Editora Difusão Européia do Livro (DIFEL)/ Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1969;
- BRETON, Roland Jules-Louis. *Geografia das Civilizações*. Série Fundamentos, nº. 60. São Paulo (SP): Editora Ática. 1990;
- COUTINHO, Leopoldo Magno. *Queimadas e Floração*. In: Suplemento Cultural do jornal O Estado de S. Paulo (OESP), nº. 13, ano I, 1977;
- FILESI, Teobaldo. *Storie e favole di una scoperta*. In: Revista Nigrizia, Fatti e Problemi Del Mondo Nero, exemplar de Setembro, pp. 63-65. 1992;
- FONSECA, José Roberto Franco. *Islão na África Negra*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. São Paulo e Brasília (SP-DF): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores, texto mimeo. 1984;
- FORTES, Meyer *et* EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Sistemas Políticos Africanos*. Lisboa (Portugal): Fundação Galouste Gulbenkian. 1977;
- GIORDANI, Mário Curtis. *História da África Anterior aos Descobrimentos*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. 1985;
- HAMPATÉ-BÂ, Amadou. *A Tradição Viva*. Texto mimeo. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP). 1993;
- JONES, Emrys. *Geografia Humana*. Nueva Colección Labor, nº. 16. Barcelona (Espanha): Editorial Labor S.A. 1966;
- LEITE, Fábio. *A Questão da Palavra em Sociedades Negro-Africanas*. In: Democracia e Diversidade Humana: Desafio Contemporâneo, Juana E. dos Santos (Organização). Salvador (Bahia): Edições SECNEB: Secretaria da Educação do Estado da Bahia. 1992;

_____. *Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. São Paulo e Brasília (SP-DF): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores, texto mimeo. 1984;

MANTRAN, Robert. *Expansão Muçulmana (Séculos VII-XI)*. Coleção Nova Clio, A História e seus Problemas. São Paulo (SP): Livraria Pioneira Editora. 1977;

MAZRUI, Ali A. *Arquivos Africanos e a Tradição Oral*. In: Revista O Correio da UNESCO, exemplar de Abril. São Paulo (SP): Fundação Getúlio Vargas (FGV). 1985;

MUNANGA, Kabengele. *Povos e Civilizações Africanos*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. São Paulo e Brasília (SP-DF): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores, texto mimeo. 1984;

NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a Epopeia Mandinga*. Coleção Autores Africanos, nº. 15. São Paulo (SP): Editora Ática. 1982;

_____. *O Mali e a Segunda Expansão Manden*. In: História Geral da África. São Paulo (SP): Editora Ática. 1984;

NYANG, Sulayman S., *Deuses e Homens na África*. In: Revista O Correio da UNESCO, exemplar de Abril. São Paulo (SP): Fundação Getúlio Vargas (FGV). 1982;

_____. *O Mundo do Islã: Influência na África Negra*. In: Revista O Correio da UNESCO, exemplar de Outubro/Novembro. São Paulo (SP): Fundação Getúlio Vargas (FGV). 1981

PAIGC. *História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde*. Porto (Portugal): Edições Afrontamento. 1975;

PAULME, Denise. *As Civilizações Africanas*. Coleção Saber. Lisboa (Portugal): Publicações Europa-América. 1977;

SILVA, Armando Correa da. *A Formação do Território Político na África*. In: Introdução aos Estudos da África Contemporânea. Brasília e São Paulo (DF-SP): Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP) e Ministério das Relações Exteriores, texto mimeo. 1984;

SURET-CANALE, Jean, *As Sociedades Tradicionais na África Tropical e o Conceito de Modo de Produção Asiático*. In: *O Modo de Produção Asiático*. Lisboa (Portugal): CERM/SEARA NOVA. 1974;

UNESCO. *História Geral da África*. Brasília (DF): UNESCO, com apoio da Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) do Ministério da Educação (MEC) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2010;

WALDMAN, Maurício. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali*. Artigo publicado na revista Cultura, nº. 45, página 14, edição de 09-12-2013. Luanda (Angola): Cultura - jornal angolano de artes e letras. 2013;

_____. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali*. Publicado como Anexo em Memória D'África: A temática africana em sala de aula, pp. 311-313. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007;

_____. *Meio Ambiente & Antropologia*. Série Meio Ambiente, Volume 6. São Paulo (SP): Editora Senac. 2006;

_____. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali*. Artigo eletrônico disponibilizado pelo site do Prof - Assessoria em Educação (2003), pela Casa de Cultura da Mulher Negra (2004) e por diversos núcleos do movimento negro. São Paulo (SP). 2004 e 2003;

_____. *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Africano Tradicional na Fala Griot de Sundjata Keita do Mali*. Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP): Revista África, Volume 20/21, pp. 219-268. Universidade de São Paulo (SP): CEA-USP. 2000;

WALDMAN, Maurício *et alli*. *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula*. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007;

¹ **O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali**, ISBN: 1230000896061, é um texto que primeiramente, foi disponibilizado na Plataforma Kobo pela **Editora Kotev** (Kotev ©) em Janeiro de 2016. Em Abril de 2018, este mesmo material foi transformado em texto de acesso livre na Internet em Formato PDF. Editorialmente, **O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali** surge a partir de diversas iniciativas preliminares, dentre as quais a elaboração de materiais de subsídio para sala de aula, conferências proferidas pelo autor em cursos de capacitação com foco em afro-educação e investigações em nível acadêmico desenvolvidas junto à Universidade de São Paulo (USP). Estas experiências foram consumadas em prefeituras, universidades, entidades do movimento negro, ONGs e durante dez anos (2004-2014), no Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP). **O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali** registra um momento histórico excepcional, animado pela grandeza, prosperidade e operosidade de um grande império negro e africano, o Mali, raramente citado nos livros de história. Deste modo, **O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali** propõe uma requalificação do continente africano, seus povos e culturas, contribuindo para inovar e debater sobre novas perspectivas em sala de aula, assim como ampliar os horizontes do conhecimento a respeito do Império do Mali a todos os interessados. No mais, a presente edição de **O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali**, sem qualquer prejuízo para o núcleo essencial dos textos anteriores, foi ampliada, agregando novas imagens, informações, notas de rodapé e indicações bibliográficas. Incorpora revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF, também permitindo consulta em aparelhos celulares. A confecção desta edição contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. **O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali** é um texto de caráter gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução remunerada e/ou sem prévia autorização do autor. A citação de **O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor, texto e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali*. Série Africanidades Nº. 24. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, jornalista, editor, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor

internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

³ Calco linguístico de origem alemã significando *concepção, cosmovisão* ou *intuição de mundo*, podendo também ser traduzida como *visão de mundo*. Em todos estes casos se refere a um quadro de ideias e de crenças através dos quais indivíduos, povos, grupos e etnias interpretam o mundo e com ele interagem.

⁴ Magreb procede de *Al-Maghrib*, que em língua árabe significa poente ou ocidente. Espacialmente, o espaço magrebino incluiria - com ressalvas de um autor para outro - os modernos Marrocos, Argélia, Tunísia, Saara Ocidental, Mauritânia e a Líbia. Caberia rubricar que todas estas nações sedimentam consistente trajetória de conexões e recorrente interlocução cultural, histórica e geográfica com os povos assentados ao Sul do Saara.

SAIBA MAIS SOBRE O IMPÉRIO DO MALI

AS MAGNÍFICAS BIBLIOTECAS DO IMPÉRIO DO MALI



MAURÍCIO WALDMAN



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 8**

http://mw.pro.br/mw/africanidades_08.pdf

SAIBA MAIS SOBRE A HISTÓRIA DO MALI

MAURÍCIO WALDMAN



ESPAÇO, AFRICANIDADE E TRADIÇÃO

O imaginário espacial tradicional africano na fala griot sobre Sundjata Keita, Imperador do Mali, Senhor do Umbigo do Mundo



EDITORA KOTEV

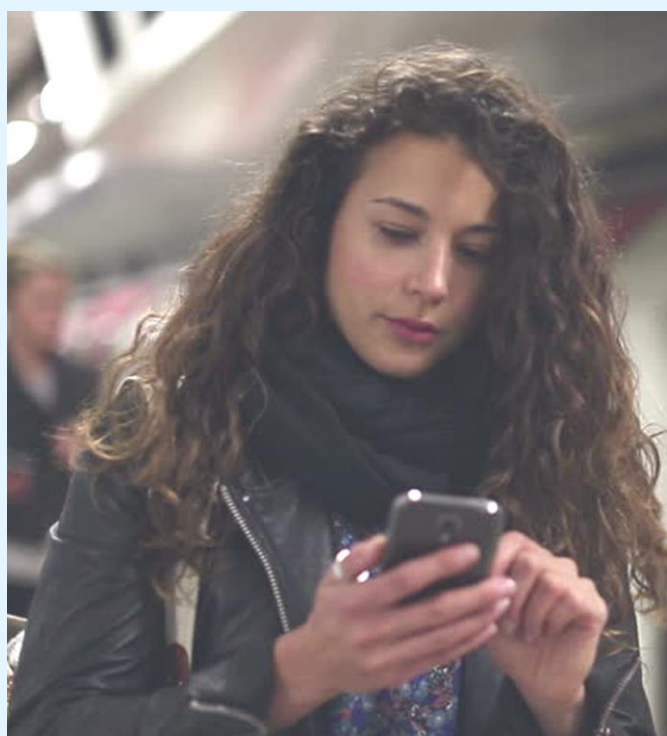
ÁFRICA & AFRICANIDADES: Coleção Acadêmica 1

http://mw.pro.br/mw/africanidade_espaco_e_tradicao.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV
Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br